



"A QUEBRADA TAMBÉM TEM REPERTÓRIO": POESIA PERIFÉRICA JUVENIL COMO ACONTECIMENTO DISCURSIVO

Graziela Kantorski¹

Universidade Federal da Bahia

Nilson Weisheimer²

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

RESUMO

Este artigo aborda a poesia periférica juvenil como prática cultural de resistência e produção de sentido nas periferias urbanas. O problema central investiga de que modo essa poesia, enquanto acontecimento discursivo, tensiona desigualdades sociais e produz deslocamentos nos sentidos hegemônicos atribuídos às juventudes e ao território periférico. O objetivo consiste em analisar o funcionamento discursivo dessas práticas poéticas, considerando a articulação entre posição-sujeito do discurso e interpelação ideológica, na produção de sentidos e na inscrição do sujeito jovem no espaço público. O referencial teórico fundamenta-se na Análise de Discurso (AD) materialista, articulada à perspectiva da interseccionalidade e aportes da psicanálise. A metodologia da AD é qualitativa e interpretativa, analisando o *corpus* composto pelos poemas "Eu quero ver, meu bem...", de Lucas Koka, e "Deslocamento", de Mel Duarte. Os resultados indicam que a poesia periférica juvenil funciona como prática discursiva performativa na qual a intersecção de classe, raça, gênero, geração e território atravessam a posição-sujeito e onde a corporalidade e a voz são instrumentos de agência política, desafiando estigmas. Conclui-se que o tensionamento das desigualdades e o deslocamento dos sentidos hegemônicos operam precisamente na falha da interpelação ideológica, onde o sujeito juvenil reinscreve sua posição no discurso, ressignificando a periferia como território de saber, memória e afeto, permitindo aos jovens das periferias urbanas a reinvenção do presente e ampliação de horizontes futuros.

Palavras-chave: poesia periférica juvenil; acontecimento discursivo; posição-sujeito; interpelação ideológica; jovens das periferias.

"THE HOOD HAS REPERTOIRE TOO": PERIPHERAL YOUTH POETRY AS A DISCURSIVE EVENT

ABSTRACT

This article addresses poetry slam as a cultural practice of resistance and meaning-making in urban peripheries. The central problem investigates how this poetry, as a discursive event, challenges social inequalities and produces shifts in the hegemonic meanings attributed to youth and the peripheral territory. The objective is to analyze the discursive functioning of these poetic practices, considering the

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Doutoranda em Educação na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, Bahia, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Ítalo Galdenzi, 17., Stella Mares, Salvador, BA, Brasil, CEP: 41600-640. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8023-1357>. E-mail: graziela.revisa@gmail.com

² Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Associado da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Cachoeira, Bahia, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Ítalo Galdenzi, 17., Stella Mares, Salvador, BA, Brasil, CEP: 41600-640. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6320-8402>. E-mail: nilson_weisheimer@ufrb.edu.br

articulation between the subject-position of discourse and ideological interpellation, in the production of meanings and in the inscription of the young subject in the public space. The theoretical framework is based on materialist Discourse Analysis (DA), articulated with the perspective of intersectionality and the contributions of psychoanalysis. The DA methodology is qualitative and interpretative, analyzing the corpus composed of the poems "Eu quero ver, meu bem..." by Lucas Koka and "Deslocamento" by Mel Duarte. The results indicate that peripheral youth poetry functions as a performative discursive practice in which the intersection of class, race, gender, generation, and territory traverses the subject-position, and in which corporeality and voice are instruments of political agency, challenging stigmas. It is concluded that the tensioning of inequalities and the displacement of hegemonic meanings operate precisely in the failure of ideological interpellation, a moment in which the youth subject reinscribes their position in the discourse, resignifying the periphery as a territory of knowledge, memory, and affect, and allowing young people from urban peripheries to reinvent the present and broaden future horizons.

Keywords: poetry slam; discursive event; subject-position; ideological interpellation; young people from urban peripheries.

“LA VILLA TAMBIÉN TIENE REPERTORIO”: POESÍA PERIFÉRICA JUVENIL COMO ACONTECIMIENTO DISCURSIVO

RESUMEN

Este artículo aborda la poesía periférica juvenil como práctica cultural de resistencia y producción de sentido en las periferias urbanas. El problema central investiga de qué modo esta poesía, en tanto acontecimiento discursivo, tensiona las desigualdades sociales y produce desplazamientos en los sentidos hegemónicos atribuidos a las juventudes y al territorio periférico. El objetivo consiste en analizar el funcionamiento discursivo de estas prácticas poéticas, considerando la articulación entre posición-sujeto del discurso e interpelación ideológica en la producción de sentidos y en la inscripción del sujeto joven en el espacio público. El marco teórico se fundamenta en el Análisis del Discurso (AD) materialista, articulado con la perspectiva de la interseccionalidad y con aportes del psicoanálisis. La metodología del AD es cualitativa e interpretativa, analizando el corpus compuesto por los poemas “Eu quero ver, meu bem...”, de Lucas Koka, y “Deslocamento”, de Mel Duarte. Los resultados indican que la poesía periférica juvenil funciona como práctica discursiva performativa en la cual la intersección de clase, raza, género, generación y territorio atraviesa la posición-sujeto, y donde la corporalidad y la voz operan como instrumentos de agencia política, desafiando estigmas. Se concluye que el tensionamiento de las desigualdades y el desplazamiento de los sentidos hegemónicos operan precisamente en la falla de la interpelación ideológica, donde el sujeto juvenil reinscribe su posición en el discurso, resignificando la periferia como territorio de saber, memoria y afecto, permitiendo a los jóvenes de las periferias urbanas la reinención del presente y la ampliación de horizontes futuros.

Palabras clave: poesía periférica juvenil; acontecimiento discursivo; posición-sujeto; interpelación ideológica; jóvenes de las periferias.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um exercício de enlace entre a Sociologia e a Linguística, buscando contribuir para o campo dos estudos sobre juventude. Longe de constituir uma realidade homogênea, essa categoria expressa uma posição nas hierarquias sociais e, por isso, torna-se objeto de disputas pela imposição de sentidos. Os jovens aparecem como sujeitos socialmente dependentes, em busca de recursos eficazes de autonomia ou de emancipação (Foracchi, 1965, p. 18), sob condições historicamente marcadas

pela interseccionalidade de classe, raça, gênero, geração e território. Tais determinações incidem diretamente sobre as condições de enunciação, circulação e legitimidade da palavra no espaço público. Nesse contexto, a poesia periférica juvenil emerge como prática discursiva capaz de conferir visibilidade e voz às experiências juvenis.

No contexto atual das periferias urbanas brasileiras, as práticas culturais de poesia falada, batalhas de rimas ou *poetry slam*, assumem papel central, revelando como os afetos se entrelaçam à memória social e às condições materiais de existência e desafiando representações hegemônicas. Os jovens moradores das periferias são frequentemente significados por discursos que a associam à falta, ao risco e/ou ao conflito, inscrevendo corpos e territórios em formações discursivas marcadas pela exclusão e pelo estigma. Esses discursos operam sob tensão permanente, uma vez que são atravessados por práticas de linguagem que produzem outros modos de representar, abrindo fissuras nas ideologias. Entre essas práticas, destaca-se o que se convencionou chamar de poesia periférica juvenil, especialmente em suas formas de batalha de poesias performativas, como o *slam*.

As batalhas de rimas propiciam um *locus* privilegiado de circulação da palavra dos jovens nas periferias. Neves do Nascimento (2024) aponta o *slam* como espaço formativo e profissionalizante, no qual a rua se torna território central de enunciação. Souza e Marandola Junior (2025), ressaltam o *slam* como espaço de pertencimento e disputa simbólica, enquanto Santos e Messeder (2025) evidenciam seu potencial educativo e político, especialmente no contexto da educação popular. A poesia periférica juvenil, compreendida a partir de suas condições de produção, se revela como prática discursiva historicamente situada, atravessada por desigualdades de classe e de gênero, processos de racialização e disputas territoriais. Como acontecimento discursivo, ela tem potencial de produzir deslocamentos na ordem dos sentidos, rearticulando significações estabilizadas sobre juventudes, periferia e legitimidade da palavra (Pêcheux, 2014).

No espaço da periferia urbana o jovem é convocado a se posicionar discursivamente frente às desigualdades produzidas pela ordem social e produzir

sentidos próprios de pertencimento e identificação. Autores como, Jadejiski e Foerste (2023) demonstram que, apesar da diversidade das condições materiais, há regularidades discursivas na criação poética jovem relacionadas à busca por reconhecimento, à centralidade do corpo e à produção de sentidos que resistem à homogeneização. Essas evidenciam que os discursos hegemônicos sobre as juventudes reificam processos de exclusão e silenciamento (Orlandi, 2002), reforçando a necessidade de abordagens que privilegiem as práticas discursivas dos próprios jovens como lugares de disputa pela produção de sentido.

Nesse contexto, práticas culturais juvenis assumem papel relevante na produção de sentidos ao articularem espaços de sociabilidade, reconhecimento e circulação da palavra. Tais práticas apresentam múltiplas dimensões, como cultura, política e afeto, permitindo que as juventudes elaborem experiências de pertencimento e leituras próprias do espaço social urbano. O território da periferia emerge, assim, como espaço de disputa no qual corpo e linguagem se entrelaçam na produção de sentidos.

Diante desse cenário, o artigo propõe compreender de que modo a poesia periférica juvenil se configura como acontecimento discursivo, capaz de tensionar desigualdades sociais e produzir deslocamentos nos sentidos hegemônicos atribuídos às juventudes e à periferia. O objetivo consiste em analisar o funcionamento discursivo dessas práticas poéticas, considerando a articulação entre posição-sujeito do discurso e interpelação ideológica, na produção de sentidos e na inscrição do sujeito jovem no espaço público.

A metodologia adotada fundamenta-se na Análise de Discurso materialista, tomando a poesia periférica juvenil como prática discursiva historicamente situada, produzida sob condições marcadas pela interseccionalidade de classe, raça, gênero, geração e território. O corpus de análise é constituído por dois exemplos de poesia falada, *Eu quero ver, meu bem...*, de Lucas Koka³ e *Deslocamento*, de Mel Duarte⁴,

³ KOKA, Lucas. *Eu quero ver, meu bem, quando no Enem eu tirar 100, eles falarem que foi cota....* [Vídeo]. [S. l.]: Manos e Minas, 25 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BXHLYLkAXE8>. Acesso em: 14 fev. 2026. OBS. À época da consulta, o vídeo somava 105.420 visualizações.

⁴ DUARTE, Mel. *Deslocamento – poesia manifesto*. [Vídeo]. [S. l.]: Quebramundo – Da quebrada para o Mundo, 4 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8z-gyDkQH6k>. Acesso em: 14 fev. 2026. OBS. À época da consulta, o vídeo somava 7.714 visualizações.

selecionados a partir de registros audiovisuais amplamente circulantes em plataformas digitais e circuitos culturais, o que permite apreender a articulação entre linguagem, corpo, voz e performance.

A análise privilegia os efeitos de sentido produzidos na relação entre discurso, sujeito, memória e território, considerando o dizer poético como materialidade do discurso juvenil. A interpretação se concentra em categorias como acontecimento discursivo, posição-sujeito e interpelação ideológica, buscando apreender como os jovens se inscrevem como sujeitos de enunciação e disputa simbólica. Trata-se de uma abordagem qualitativa e interpretativa, que visa evidenciar os processos pelos quais a palavra performada tensiona representações estabilizadas sobre periferia, juventudes e legitimidade do dizer no espaço público. A discussão a seguir aborda as relações entre discurso e sujeito na poesia periférica juvenil, entendendo a linguagem como prática social historicamente situada.

DISCURSO E SUJEITO NA POESIA PERIFÉRICA JUVENIL

Neste artigo, propomos um exercício analítico para a leitura da poesia periférica juvenil a partir da Análise de Discurso (AD) materialista. Trata-se de um trabalho ainda exploratório, que poderá preparar o terreno para estudos posteriores, ao delimitar conceitos e categorias com capacidade heurística de apreender a produção poética juvenil como prática discursiva historicamente situada.

Na perspectiva da AD, o discurso é compreendido como efeito de sentido produzido na articulação entre língua, história e ideologia, e não como expressão individual ou manifestação puramente estética (Pêcheux, 1997; Orlandi, 2009). Os poemas são tomados como acontecimentos discursivos que se inscrevem em condições históricas. Cada enunciado poético é atravessado por memórias coletivas e disputas simbólicas que fazem da linguagem um lugar privilegiado de inscrição do social.

Nesse quadro, a ideologia opera materialmente no discurso por meio das formações discursivas, organizando o que pode ser dito e o que é silenciado. Os jovens periféricos, especialmente negros, são historicamente significados por discursos que

os associam à falta e ao risco. Esses sentidos se produzem na relação a um interdiscurso, entendido como o conjunto de dizeres anteriores que constitui a memória do sentido e orienta as interpretações possíveis (Orlandi, 2008). É nesse espaço que se sedimentam representações sobre corpos, territórios e trajetórias juvenis, as quais a poesia periférica tensiona e desloca.

Ao assumir que “falamos com palavras que já têm sentido” (Orlandi, 2008, p. 47), a AD desloca o foco da autoria individual para os processos históricos de produção do sentido. O poema funciona como um ponto de atualização da memória discursiva, retomando sentidos já estabilizados, como os que associam periferia à violência ou ao fracasso escolar, ao mesmo tempo em que pode produzir rupturas, reinscrevendo essas experiências sob outros modos de dizer. O interdiscurso constitui o dizer; o intradiscurso corresponde à sua formulação singular, situada, como ocorre na materialidade específica de cada poema.

O poema ganha sentido a partir dos modos como é produzido, apresentado e compartilhado no espaço social. As condições de produção do discurso, que envolvem instituições, práticas culturais, formas de circulação dos textos, territorialidades e recursos tecnológicos, são decisivas para compreender como os sentidos se constroem e se transformam na poesia periférica juvenil. Quando a poesia circula por meio da escrita, da performance, do vídeo, do *slam* ou da declamação pública, entram em cena elementos que também produzem sentido, como o corpo do poeta, o tom da voz, o ritmo da fala, os gestos e a presença diante do público. Esses elementos compõem a materialidade significativa, entendida como o conjunto de formas concretas pelas quais o discurso se realiza e produz sentidos, para além do texto escrito. Nessa materialidade, o poema cria uma experiência sensível, capaz de fazer ver, ouvir e sentir, produzindo efeitos de reconhecimento, confronto e resistência no espaço social.

O sujeito do discurso se forma historicamente na e pela linguagem, sendo atravessado por ideologia, memória e condições materiais de existência. Ele se constitui na fala, na escrita e na interação com o mundo, carregando desejos, influências simbólicas e efeitos de significado sobre o corpo (Lacan, 1985; Orlandi,

2023). Na poesia periférica juvenil, isso significa que o jovem se constitui como sujeito no ato de falar ou escrever, negociando experiências vividas, expectativas institucionais, como as escola, da família e da sociedade, em meio aos processos históricos de lutas de classes, racialização e generificação que atravessam sua vida cotidiana.

É nesse ponto que a luta de classes atravessa o discurso como princípio estruturante, incidindo sobre quem pode falar, de onde se fala e com quais efeitos de sentido. A poesia periférica juvenil torna visíveis essas contradições ao fazer circular contra-sentidos ancorados na experiência material das juventudes, tensionando discursos hegemônicos sobre mérito, cidadania e pertencimento social. Como acontecimento discursivo, cada poema desloca sentidos no interior da memória social, abrindo fissuras nas evidências que sustentam a dominação simbólica (Nascimento *et. al.*, 2025).

Nesse funcionamento discursivo, o racismo opera como uma política de silêncio (Orlandi, 2008), articulada a processos históricos de dominação. Angela Davis (2016) contribui aponta a impossibilidade de pensar qualquer projeto de nação que desconsidere a centralidade da questão racial, evidenciando que as desigualdades contemporâneas se enraízam na escravidão e em seus desdobramentos históricos. Isto incide diretamente sobre os corpos negros, especialmente os corpos femininos, que historicamente foram alvo de mecanismos de controle e repressão, funcionando como “arma de dominação” (Davis, 2016, p. 36). Lélia Gonzalez (2020) evidenciou como racismo e sexismo se articulam de forma indissociável na constituição da subjetividade brasileira. De tal modo que o racismo segue operando como um mecanismo estruturante de expropriação e superexploração. No plano discursivo, tais processos produzem imagens estabilizadas, expectativas sociais e lugares de fala desiguais, que seguem operando mesmo quando a raça não é explicitamente tematizada, como analisa Modesto (2021). Essa racialização não se limita a falar sobre raça: ela se manifesta como um modo de atribuir sentidos, valores e expectativas sociais aos corpos, influenciando oportunidades, reconhecimento e exclusão (Modesto, 2021).

O feminismo emancipacionista contribui para aprofundar a análise do discurso ao articular classe e gênero à experiência histórica das mulheres. Para Loreta Valadares (1990), a opressão da mulher não constitui um fenômeno isolado nem pode ser compreendida fora das relações sociais que estruturam a sociedade capitalista. Essa formulação permite compreender que os discursos sobre o feminino, longe de se restringirem ao plano cultural ou identitário, se enraízam em condições materiais de existência e em processos históricos de exploração. Ao afirmar que a emancipação feminina exige a transformação das relações econômicas, políticas e sociais, Valadares coloca o debate de gênero no campo da luta de classes, aproximando-o da Análise de Discurso materialista, que concebe o sentido como efeito das contradições históricas e ideológicas que atravessam o dizer.

Este estudo assume a perspectiva interseccional como operador teórico-analítico, compreendendo que as juventudes são atravessadas simultaneamente por processos de classe, racialização e generificação. Mary Garcia Castro (1992) destaca que a interseccionalidade requer a pluralidade dos sistemas de privilégios, considerando raça, gênero e geração, valorizando o entrelaçamento dessas categorias em suas especificidades. Collins e Bilge (2016) enfatizam que a interseccionalidade possibilita apreender a complexidade das experiências humanas e sociais, considerando múltiplos fatores que se entrelaçam e se influenciam mutuamente, oferecendo uma compreensão mais ampla das desigualdades e das dinâmicas de poder. Com efeito, a interseccionalidade é tomada como dinâmica constitutiva das posições de sujeito, orientando a leitura das práticas poéticas juvenis como acontecimentos discursivos situados.

A posição-sujeito no discurso se constitui em estreita relação com essas determinações históricas. O que os jovens dizem, escrevem ou performam se produz no interior dessas estruturas de sentido, que simultaneamente condicionam e possibilitam deslocamentos. É nesse ponto que se entrelaçam os afetos, atravessando dimensões históricas, sociais e culturais, e tornando-se fundamentais para apreender o sentido das práticas poéticas juvenis. Ao integrar a dimensão dos afetos, a análise

amplia a compreensão da poesia como uma prática envolve experiências vividas e modos de sentir.

Na perspectiva de Jacques Lacan (2005; 1998), os afetos resultam da incidência da linguagem sobre o corpo. As experiências ganham forma ao serem atravessadas pelos significantes que estruturam a relação do sujeito com o Outro, produzindo marcas na vida psíquica. Ao afirmar que “um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante” (Lacan, 1998, p. 833), o autor indica que o sujeito emerge como efeito desse encadeamento, no qual se articulam linguagem, corpo e história. Desse modo, os afetos configuram-se como produções discursivas que inscrevem, no corpo do sujeito, as marcas das relações sociais e simbólicas que o constituem.

O *slam* expressa uma tomada de posição simbólica dos jovens na luta ideológica contemporânea. Trata-se de uma prática discursiva que articula linguagem, corpo e afeto para produzir reconhecimento, pertencimento e resistência, inscrevendo novas possibilidades de existência e participação social. Ao circular em escolas, ruas e redes sociais, os poemas rompem com a lógica da invisibilidade e confrontam discursos hegemônicos que associam as juventudes periféricas à marginalidade ou ao fracasso. Pode ser compreendida como uma forma de produção de saber situado, constituindo uma epistemologia juvenil que emerge da situação juvenil nas periferias urbanas. Nela os jovens se inscrevem como sujeitos produtores de conhecimento. É a partir desse enquadramento que o gesto de análise se desloca para refletir sobre a cidade e a periferia como espaços sociais de disputas simbólicas.

CIDADE, PERIFERIA E SOCIABILIDADE JUVENIL NO SLAM

A etimologia de cidade já revela sua dimensão simbólica e política. Como observa Eni Orlandi (1999, p. 10), “civitas” articula cidade e cidadania, remetendo simultaneamente ao cidadão, ao coletivo e ao poder político. A distinção entre “urbs” e “burgo” explicita a constituição histórica da periferia como espaço hierarquizado em relação ao centro, instaurando uma verticalidade simbólica que organiza o urbano. A cidade configura-se, assim, como espaço material que produz significância, no qual

simbólico e político se confrontam naquilo que a autora denomina ordem do discurso urbano. Tal ordem expressa a tensão entre práticas de linguagem e forças históricas e institucionais que regulam a circulação, a ocupação e a legitimação de corpos e vozes no espaço urbano.

Nessa direção, Oliveira (2020) propõe compreender a cidade como sistema vivo, atravessado por fluxos materiais e simbólicos que produzem significados distintos conforme as posições ocupadas no espaço urbano. O autor sublinha ainda que “as cidades são construídas a partir das ações que cada indivíduo nela realiza” (Oliveira, 2020, p. 70), evidenciando que o espaço urbano resulta de práticas históricas e sociais concretas. Tal compreensão converge com a perspectiva discursiva ao reconhecer que o urbano é permanentemente produzido por ações históricas que estabilizam e deslocam sentidos. Sua materialidade, longe de neutra, organiza visibilidades, distribui oportunidades e institui hierarquias territoriais.

A distinção entre cidade e urbano é central para compreender esse funcionamento. O urbano corresponde ao conjunto de saberes técnicos, administrativos e políticos que tendem a recobrir a experiência vivida do espaço, estabilizando sentidos e produzindo evidências sobre corpos, territórios e formas de sociabilidade. Nesse movimento, o urbano funciona como instância de racionalização que busca apagar as contradições do real da cidade, especialmente nas periferias, onde a desigualdade se torna mais visível. Assim, o urbano constitui um campo permanente de disputa discursiva (Orlandi, 1999).

A periferia emerge, nesse contexto, como espaço de desigualdade, racialização (Modesto, 2021) e exclusão social, estruturado pela lógica da territorialização do capital que organiza a cidade moderna (Orlandi, 1999). Igualmente, Tiaraju D’Andrea (2020) contribui para compreender a periferia como construção histórica e política, afastando leituras que a reduzem a marcador espacial de carência. Trata-se de um território produzido também pelas práticas, usos e sentidos elaborados por seus moradores, especialmente por meio da cultura e da ação coletiva. Com efeito, os “novos desenhos de sentidos da cidade” (Orlandi, 1999, p. 12) produzem um deslocamento do conflito social para a violência, individualizando aquilo que é

estrutural. Tal deslocamento opera como mecanismo ideológico que obscurece as determinações históricas da desigualdade urbana, transformando problemas sociais em falhas individuais. O apagamento do sentido de periferia como expressão espacial das desigualdades estruturais do capitalismo produz estagnação simbólica e dificulta a emergência de novos sentidos de sociabilidade.

A noção de território adotada dialoga com Oliveira (2024), que o define como espaço socialmente produzido, atravessado por relações de poder, desigualdades e possibilidades de exercício de direitos pelas juventudes. Nesse quadro, o território articula mobilidade, acesso a políticas públicas e reconhecimento, constituindo-se como campo de disputas. No capitalismo, submete-se à lógica do desenvolvimento desigual, da especulação imobiliária e da gentrificação, mas permanece também espaço de vida, reprodução social e sociabilidade.

A juventude figura como uma categoria teórica relacional, fundada em representações sociais, que conferem sentidos ao pertencimento a uma faixa etária e posiciona os sujeitos nas hierarquias sociais. José Machado Pais (1990, p. 139) propõe que a juventude deve ser tomada como um *mauvais objet*, isto é, um “objecto ‘pré-construído’ que importa ‘destruir’ para eventualmente o ‘reconstruir’”, uma vez que seria “um abuso de linguagem subsumir sob o mesmo conceito de juventude universos sociais que não têm entre si praticamente nada de comum” (Machado Pais, 1990, p. 140). Por isso, ao nos referirmos à realidade empírica, recorreremos ao termo *juventudes*, no plural, uma vez que os jovens vivem realidades sociais diversas, construindo múltiplas situações juvenis (Weisheimer, 2005).

A situação juvenil nas periferias urbanas envolve processos de socialização marcados pela precariedade das condições materiais e escassez de infraestrutura pública, que acabam por restringir o campo de possibilidades dos jovens. Essa situação juvenil se constitui na tensão entre direitos formalmente assegurados e experiências concretas de socialização, uma vez que “a simples existência de leis não é suficiente para superar as barreiras históricas, sociais e econômicas que limitam essa inclusão” (Oliveira; Torres, 2025, p. 251).

Desse modo, a relação entre juventude e território periférico figura como elemento constitutivo das condições de produção do discurso juvenil, pois o território constitui um espaço social influenciado pela ação humana, pelos conflitos e contradições da vida coletiva, e por múltiplas determinações simbólicas e materiais. Assim, ao considerar o território como espaço construído socialmente, onde paisagens, populações e práticas se entrelaçam, ele se configura como espaço material e simbólico de disputa de sentidos.

A prática cultural da poesia periférica juvenil pode ser compreendida como um forma de sociabilidade juvenil, entendida como “a forma lúdica de sociação” (Simmel, 2006, p. 65). Nos *slams* e saraus, a interação entre jovens poetas ultrapassa a instrumentalidade imediata e a lógica de fins utilitários, realizando-se como jogo relacional no qual a palavra circula, o corpo performa e o território é simbolicamente reinscrito. Ainda que enraizada em condições materiais marcadas pela desigualdade, essa sociabilidade opera, no interior da cena poética, como espaço relativamente autônomo, “livre de todos os conteúdos materiais”, privilegiando a forma da interação e a reciprocidade entre pares.

Conforme Simmel (2006, p. 80), “toda sociabilidade é um símbolo da vida quando esta surge no fluxo de um jogo prazeroso e fácil. Porém, é justamente um símbolo da vida cuja imagem se modifica até o ponto em que a distância em relação à vida o exige”. No contexto periférico, esse jogo opera como elaboração simbólica da realidade, por meio da qual as contradições sociais se transformam e ganham forma na linguagem. Nas periferias urbanas, a sociabilidade poética juvenil constitui, assim, um espaço em que a liberdade de formar relações entre pares de idade convive em tensão com as determinações estruturais da vida urbana, permitindo que jovens reinscrevam seus corpos e vozes no espaço público por meio de uma prática coletiva de lazer que é, simultaneamente, estética, política e discursiva. Nesse sentido, as práticas culturais periféricas, como saraus, *slams*, cineclubes, hip-hop e literatura marginal, como formas de ação política e de humanização em contextos marcados pela violência estrutural (D’Andrea, 2020).

A poesia periférica juvenil configura-se como uma forma de sociabilidade juvenil que instaura um acontecimento discursivo. Nele, o corpo, a voz e o gesto trazem as marcas da classe social, da raça, do gênero, da geração e do território periférico, que se articulam como materialidades significantes, produzindo novas formações discursivas que deslocam posições estabilizadas de sujeito e de sentido. Ao tomar a palavra em cena pública, o jovem da periferia fala de sua experiência e, simultaneamente, se constitui como sujeito de discurso, inscrevendo-se simbolicamente em um espaço historicamente marcado pela negação de sua voz. Nessa perspectiva, a poesia opera como lugar de materialização das contradições sociais na linguagem, ao colocar em confronto formações discursivas sobre juventudes e periferia.

FORMAÇÕES DISCURSIVOS NA POESIA PERIFÉRICA JUVENIL

As análises que seguem tomam a poesia periférica juvenil como prática discursiva produzida na tensão entre juventude e periferia. Nesse enquadramento, os jovens das periferias assumem posições discursivas atravessadas por conflitos históricos, sociais e afetivos, situadas em formações ideológicas que regulam a circulação da palavra e a legitimidade dos corpos no espaço público. A palavra, inscrita no corpo e na voz de jovens poetas, opera como acontecimento discursivo, que produz deslocamentos de sentidos estabilizados e instauram novas formas de inscrição simbólica e política (Orlandi, 2012).

É nesse horizonte que se situam os dois poemas analisados, ambos registrados em plataformas de circulação audiovisual, o que evidencia a articulação entre linguagem, corpo e performance no espaço público e digital. O poema *Eu quero ver, meu bem...*, de Lucas Koka, apresenta versões registradas em vídeo e em programas televisivos dedicados à cultura periférica, evidenciando a inserção da poesia falada em circuitos midiáticos de ampla circulação. De modo semelhante, O poema *Deslocamento*, de Mel Duarte, circula em declamações públicas e registros audiovisuais amplamente difundidos, como performances em *slams* e eventos culturais, nos quais a voz e o gesto ampliam a presença poética para além do espaço físico. Esses registros

audiovisuais reforçam a materialidade do discurso e do gesto como elementos constitutivos do dizer juvenil periférico, ampliando a escuta social e a disputa de sentidos no contemporâneo.

Lucas Koka Penteado, nascido em São Paulo, é artista, poeta, MC e *slammer*, com forte atuação em batalhas de poesia falada e no movimento cultural urbano. Sua trajetória inclui participação em movimentos estudantis e ocupações de escolas públicas, o que evidencia seu engajamento social e político desde cedo. Sua expressão poética manifesta-se através do seu corpo e voz e do ritmo da oralidade, revelando a força da palavra como operador de sentidos que desafiam representações históricas de exclusão, risco e marginalidade. Ao se colocar como sujeito no ato de enunciar, Lucas Koka reinscreve sentidos que fortalecem a presença dos jovens no espaço público, produzindo efeitos de reconhecimento, resistência e visibilidade social. A voz que se anuncia é a de um jovem negro da periferia que convoca a memória, a maternidade, a escolarização e a política pública como marcas de uma trajetória atravessada por desigualdades estruturais, elementos centrais para a compreensão da cena enunciativa que se seguirá:

Eu quero ver, meu bem...

Antes de eu começar essa poesia, eu queria agradecer a minha mãe, Andréia Penteado, tá aí na plateia. Tudo que acontece na minha vida, graças a ela, e ao pai também. Te amo!
Era uma vez... Não! Para que isso aqui não é conto de fadas, e história que vai ser relatada é só realidade
Conta as memórias de uma vida pacata que esmagou a maldade.
1996, quatro horas da manhã, dilatação de quatro dedos, mas não tinha parceiros
A saúde onde eu moro me dá nos nervos
Nome da mãe? Andreia
Preta. Nesse mundo é treta
Quando madura via que a vida era dura
Parecia que Deus olhava e dizia: poucas ideias?
Prazer! Sou sim o desgraçado
O homem engravatado havia me falado
É! Mas ele ficou impressionado, porque além de negro drama, sou negro estudado
E eu sei que ainda tem muito para se estudar
Porém, na academia da hipocrisia, a matéria que eu não entendia, eles querem tirar
Mas um dia eu chego na universidade!
Eles não estão ligados que a vida serviu de faculdade de apenas três matérias: miséria, escravatura e infelicidade

Pois é, Brasil eu nunca tive um booty de 1.000,00 mas, no sistema eu vou tentar dar uma bota
Porque eu quero ver meu bem quando no ENEM eu tirar 100 e eles falarem que foi cota

O poema se inscreve como acontecimento discursivo, onde o *slam* configura uma cena de enunciação específica, na qual corpo e voz participam da constituição dos sentidos. Nela a posição-sujeito que se constitui na intersecção entre formações discursivas em conflito, que regulam os sentidos possíveis sobre juventude negra e escolarização. No início de sua apresentação, o poeta faz referência à mãe: “Antes de eu começar essa poesia, eu queria agradecer a minha mãe...”. Esse gesto inaugural organiza a cena enunciativa, inscrevendo a palavra em uma rede de filiações afetivas e sociais. Essa enunciação atua como operador de sentido, situando a origem do sujeito e mostrando que a palavra poética emerge de vínculos afetivos e de experiências concretas. A menção nominal à mãe rompe com a abstração e ancora o discurso em uma materialidade histórica e familiar. A memória familiar, aqui, é elemento que articula trajetória e pertencimento, conferindo vínculos de identificação ao dizer do jovem. Trata-se de uma memória discursiva que sustenta o sujeito e legitima sua tomada da palavra no espaço público.

O poeta simboliza sua própria história ao produzir, no *slam*, uma autorrepresentação que o posiciona no interior da narrativa e, simultaneamente, aproxima o leitor ou espectador da experiência concreta da vida periférica, articulando corpo, memória e projeto. A autorrepresentação funciona como gesto de inscrição do sujeito na ordem do discurso, produzindo visibilidade para uma experiência historicamente silenciada. Ao marcar, logo de início, a distinção entre fantasia e realidade, “isso aqui não é conto de fadas”, o sujeito do discurso se inscreve no campo de uma objetividade material ancorada na experiência vivida. Esse corte enunciativo interrompe a expectativa da fantasia e desloca o horizonte interpretativo para o registro da materialidade histórica. A “memória de uma vida pacata” aparece como modo de ser coletivo que busca superar a “maldade”, figurada como expressões das violências estruturais.

Os versos evidenciam uma história marcada por desigualdades de classe, raça e território: “1996, quatro horas da manhã, dilatação de quatro dedos, mas não tinha parteiros”. A precisão temporal e corporal produz efeito de realidade, inscrevendo o nascimento sob condições precárias de atendimento público. O corpo emerge como operador central de sentido, pois o relato do nascimento e da maternidade conecta presença física, memória e condição social, revelando como a experiência se inscreve na narrativa do sujeito (Modesto, 2021). Quando afirma “A saúde onde eu moro me dá nos nervos”, essa inscrição discursiva denuncia a precariedade dos serviços públicos nas periferias, explicitando a desigualdade territorial. A formulação desloca a crítica do plano individual para o plano estrutural, evidenciando a articulação entre território e política pública. Por sua vez, o verso “Preta. Nesse mundo é treta.” explicita o racismo estrutural, sendo que a gíria “treta” condensa simultaneamente a dureza da existência e a disposição para a resistência. A condensação semântica produz um efeito de síntese entre violência histórica e enfrentamento cotidiano.

Ao declarar: “Pois é, Brasil eu nunca tive um *booty* de 1.000,00, mas, no sistema eu vou tentar dar uma bota”, o sujeito inscreve sua condição de classe, afirmando consciência das limitações impostas pelo sistema e, simultaneamente, um projeto de deslocamento. O jogo metafórico entre “*booty*” e “*bota*” articula consumo e enfrentamento, convertendo a lógica mercadológica em gesto de contestação. Assim, a experiência narrada ultrapassa a denúncia das determinações estruturais e explicita a posição do sujeito no interior de relações marcadas por desigualdades e disputas, evidenciando a contradição entre promessa meritocrática e restrição estrutural.

A tomada de posição que se constitui no poema é marcada por um duplo movimento. De um lado, o sujeito é interpelado pela formação ideológica racista e classista a ocupar o lugar da falta: “*negro drama*”, “*desgraçado*”, “*poucas ideias*”. Essas nomeações funcionam como marcas do interdiscurso (Orlandi, 1999) que antecede o sujeito e tenta fixá-lo em uma identidade estigmatizada. Essa interpelação busca fixá-lo como corpo excedente, cuja presença na universidade é percebida como desvio da ordem. De outro lado, o sujeito realiza um gesto de contra-identificação ao afirmar-se como “*negro estudado*” e projetar sua chegada à universidade. Esse gesto

consiste em assumir a marca racial, deslocando o regime de sentidos que a associa à incapacidade. Trata-se de um reposicionamento discursivo no interior da própria formação ideológica que o interpela (Pêcheux, 1997).

No poema, emergem sujeitos antagônicos que se interpelam mutuamente. Os sujeitos que representam a ordem social, a autoridade e o poder figuram nas categorias “Deus”, “o homem engravatado” e “eles”, instâncias que condensam diferentes níveis de dominação: o transcendente moral, o poder institucional-burocrático e um outro antagônico abstrato que vigia, julga e normatiza. Essas categorias operam como formações discursivas que estruturam expectativas sociais e delimitam posições-sujeito possíveis, funcionando como operadores ideológicos do interdiscurso dominante. (Pêcheux, 1997; Orlandi, 2008). O jovem poeta se posiciona de forma tensionada diante dessas instâncias, ora interpelado, ora resistente. É nessa diferenciação hierárquica que emerge um sujeito juvenil que, ao reconhecer as forças que o constroem, elabora discursivamente um projeto para si. O “projeto para si” se constitui como produção de sentido no interdiscurso, permitindo ao sujeito deslocar posições ideologicamente prescritas e reinscrever em sua trajetória (Pêcheux, 1997; Modesto, 2021).

O poema tensiona formações discursivas hegemônicas que historicamente associam corpos periféricos e negros à carência, à subalternidade ou à marginalidade, deslocando esses sentidos por meio da afirmação de um projeto de escolarização. Ao enunciar “É! Mas ele ficou impressionado, porque além de nego drama, sou negro estudado” e “Mas um dia eu chego na universidade!”, o jovem poeta produz um gesto de ruptura com a posição-sujeito que lhe é ideologicamente destinada. A ruptura aqui ultrapassa a oposição temática e envolve reinscrição subjetiva e produção de sentido que tensiona o interdiscurso meritocrático, articulando memória e experiência vivida. (Orlandi, 2008; Pêcheux, 1997; Modesto, 2021).

O projeto de chegar à universidade aparece, como prática de enfrentamento das contradições estruturais que atravessam sua trajetória. Quando afirma que “na academia da hipocrisia, a matéria que eu não entendia eles querem tirar”, o discurso explicita o conflito entre expectativas sociais limitadoras, produzidas por instâncias

que regulam o acesso ao saber, e a capacidade do sujeito de disputar sentidos e ocupar espaços de legitimidade social. A escolarização funciona como operador discursivo que tensiona o interdiscurso meritocrático e reinscreve a posição do sujeito no interior da ordem social (Valadares, 1990; Modesto, 2021).

A ruptura evidencia a falha da promessa meritocrática como interpelação ideológica: o acesso à universidade aparece como horizonte desejado, mas atravessado por barreiras que desmentem a neutralidade das oportunidades. No verso “porque eu quero ver meu bem quando no ENEM eu tirar 100 e eles falarem que foi cota”, o sujeito projeta a antecipação da desqualificação, revelando a força do interdiscurso meritocrático e racializado (Modesto, 2021) e mostrando que sua enunciação já nasce atravessada pela memória social das políticas de ação afirmativa. Ao transformar essa expectativa em afirmação, reinscreve-se como sujeito que ocupa a universidade e disputa os sentidos de mérito, capacidade e pertencimento. A evocação do ENEM mobiliza, assim, uma política pública de acesso tensionada por disputas de legitimidade, expondo a contradição entre igualdade formal e desigualdade material e abrindo espaço para a reinscrição do sujeito em sua trajetória (Pêcheux, 1997; Orlandi, 2008; Nascimento *et al.*, 2025).

O futuro projetado em “quando eu tirar 100” situa o sujeito no desejo e na expectativa, enquanto “eles falarem que foi cota” introduz a antecipação como mecanismo constitutivo do gesto enunciativo, no qual o pronome “eles” condensa a formação ideológica dominante e regula o reconhecimento do êxito de corpos negros e periféricos (Orlandi, 1999; 2023). A palavra “cota” mobiliza sentidos tensionados historicamente, atravessando o sucesso projetado por possibilidade de reinscrição que desloca seu valor e cria controvérsia. Assim, o sujeito se constitui ao afirmar o desejo de reconhecimento enquanto incorpora a expectativa de reinterpretação da conquista, evidenciando como a ascensão atravessa desigualdades históricas e produz efeito de suspensão na materialidade do dizer (Lacan, 1985; Pêcheux, 2014).

Após o gesto de análise do poema de Lucas Koka Penteado, a atenção se volta para a produção poética de Mel Duarte, cuja escrita se inscreve como acontecimento discursivo na poesia periférica juvenil ao deslocar os regimes de visibilidade e

legitimidade historicamente atribuídos às juventudes periféricas e aos corpos femininos negros no espaço público (Orlandi, 2008; Pêcheux, 1997). Esse acontecimento se materializa na reorganização das posições de sujeito e na reconfiguração dos sentidos que associavam tais corpos à marginalidade, ao silêncio ou à exterioridade da cena cultural.

Mel Duarte é uma escritora, poeta, *slammer* e produtora cultural brasileira, nascida em São Paulo em 1988. Atua no campo da literatura e da oralidade desde 2006, tendo iniciado sua trajetória em saraus e espaços de poesia urbana. Esses espaços funcionam como condições de produção de sua escrita, pois articulam circulação da palavra, performance e territorialidade, constituindo redes alternativas de legitimação discursiva. Sua trajetória, evidencia a inscrição de sua autoria em práticas coletivas que tensionam os critérios tradicionais de consagração literária. Sua obra abrange livros como *Fragmentos Dispersos* (2013), *Negra Nua Crua* (2016), *Querem nos Calar: poemas para serem lidos em voz alta* (2019) e *Colmeia: poemas reunidos* (2021), além do álbum performativo *Mormaço , Entre outras formas de calor*. Essa diversidade de materialidades, livro impresso, performance oral e registro fonográfico, indica um funcionamento discursivo que atravessa escrita e oralidade, deslocando fronteiras entre texto, corpo e cena.

Ao vencer o Rio Poetry Slam e integrar coletivos como os Poetas Ambulantes e o *Slam* das Minas, sua atuação evidencia a inserção em dispositivos de circulação nos quais a palavra periférica feminina ganha visibilidade pública e se afirma como prática política de enunciação. Nesses espaços, o corpo deixa de figurar como objeto de representação e passa a operar como suporte material da enunciação, produzindo efeitos de presença e de autoria.

Sua escrita e performance articulam corpo, voz e experiência como operadores discursivos que reorganizam a relação entre sujeito e espaço urbano. Ao mobilizar corpo, voz e território a partir de uma perspectiva feminina situada, a autora desloca sentidos sedimentados que vinculavam jovens mulheres negras da periferia à condição de objeto de discurso, reinscrevendo-as como sujeitos de enunciação. Trata-se de um gesto que intervém nas formações ideológicas que regulam quem pode falar, sob

quais condições e com que efeitos de reconhecimento, produzindo fissuras na ordem discursiva vigente.

Deslocamento- poema manifesto

Quando o corpo fala, como a voz ecoa
Quando você cala, como isso ressoa?
Onde vive o Timbre?
O que te impulsiona?
O que te faz sentir livre? E o que te aprisiona?
Querer viver da nossa arte é mais que resistência
Ser representante do seu sonho
Saber usar a sapiência
É mais que entretenimento ou distração para um momento!
Nossos corpos são um ato político e isso causa estranhamento
Ser cria de rua, underground, seja na rima, no passinho, fazer da rua playground
E nesse asfalto onde alguns se arrastam, outros erguem palcos, montam a sua lona
Periferia é arte que respira!
Para além de ser poeta, ser a própria poesia
Eu estou falando de deslocamento da voz ao movimento, sair do lugar-comum, explorar novos conceitos, escurecendo os argumentos
É mais que flow, é ter talento
Estou falando da verdade que pulsa no peito e lembrar que antes de fazer sucesso o importante é reconhecimento
Riscando o chão com passos largos
Deixa que as meninas tomem de assalto!
Quero ver mais corpos livres pelo baile e respeito por quem está no corre
Se ela bate cu, tá pela ordem. Entenda: não precisa que a toque
Somos crias soltas nessa selva, notem, e sobreviver é muita treta para quem não veio de área nobre
Demarcando nosso território
A quebrada também tem repertório
Não subestime nosso trabalho diário
Retorno bom é fazer nossa arte e tirar um salário
As batalhas que vem para o bem. Dos bailes, blacks até as ligas de funk, explorando nas palavras ou na dança algo que faça somente ir além
Das batalhas de rima até levar o Slam para o palanque
O corpo que vibra se manifesta, é atuante, para que minha geração sobreviva a esse massacre constante
Retomar o que é nosso por direito, por mais espaços públicos para o povo periférico
Que nossa dança ressoe por corpos presos por preconceitos
Que nossa palavra atravesse barreiras e no peito cause efeito
E novos sons, travados, chegam aos ouvidos mais primitivos
Que nossa imagem sobreponha tudo e foi apreendido
E que, de uma vez por todas, reconheceram as nossas artes, o valor merecido

O poema *Deslocamento*, de Mel Duarte, configura-se como acontecimento discursivo na poesia periférica juvenil. Nos termos de Orlandi (2008), o acontecimento

discursivo se dá quando há ruptura na regularidade dos sentidos, produzindo reconfiguração das posições de sujeito. É nesse sentido que o poema desloca os sentidos historicamente associados às juventudes periféricas, ao corpo e à legitimidade da palavra da mulher no espaço público. Com Pêcheux (1997), pode-se dizer que o texto intervém nas formações discursivas que estabilizavam tais corpos como objeto de discurso, produzindo um efeito de rearticulação ideológica.

Ao evocar “quando o corpo fala, como voz ecoa?”, a poeta coloca o corpo como operador de sentido. Para a Análise do Discurso, o corpo constitui materialidade significativa, atravessada pela memória discursiva (Orlandi, 2008). Assim, o ato de enunciar envolve experiência vivida, territorialidade e reconhecimento social, inscrevendo o sujeito em uma rede de já-ditos que o antecede.

O poema faz emergir uma formação discursiva contra-hegemônica. Em termos pêcheutianos, trata-se de uma contra-identificação: o sujeito assume a marca ideológica que o interpela, mas altera seu valor simbólico ao reinscrevê-la em outra cadeia de sentidos (Pêcheux, 1997). Ao afirmar “Nossos corpos são um ato político” e “Periferia é arte que respira”, o texto rearticula a memória discursiva que associava periferia à carência ou à violência. A periferia passa a funcionar como significante de produção cultural, deslocando a rede semântica que a sustentava.

Os sentidos atribuídos aos corpos periféricos operam como princípios estruturantes que organizam expectativas sociais e hierarquias urbanas. O poema dialoga com essa formulação ao converter o território em repertório cultural, produzindo um gesto de reinscrição que desloca o corpo do campo da suspeição para o da autoria. Nesse movimento, o que estava fixado como limite passa a operar como potência simbólica.

Quando a poeta afirma “querer viver de nossa arte” e “tirar um salário”, a dimensão de classe emerge como condição de produção do dizer. Aqui, pode-se mobilizar Pêcheux (2014) para compreender que o sentido não se produz fora das relações materiais de existência; a arte aparece atravessada pela luta por reconhecimento econômico e simbólico. A desigualdade estrutura o campo de possibilidades e incide diretamente sobre o modo de enunciar.

No plano da interpelação ideológica, o “estranhamento” mencionado no poema evidencia o conflito entre posições de sujeito. Conforme Pêcheux (1997), a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, convocando-os a ocupar lugares determinados nas formações discursivas. A jovem periférica é historicamente interpelada como excesso ou ameaça. O poema produz deslocamento ao reinscrever essa posição como lugar legítimo de fala, sem sair do campo ideológico, mas tensionando suas contradições.

Versos como “deixa que as meninas tomem de assalto” funcionam como gesto performativo de ocupação simbólica. Nos termos de Orlandi (2008), trata-se de um movimento de deslocamento da margem para o centro da cena enunciativa, produzindo redistribuição do visível e do audível. Já expressões como “retomar o que é nosso por direito” operam como contra-sentidos (Pêcheux, 2014), abrindo fissuras na memória discursiva da exclusão e reinscrevendo a periferia como espaço de direito e produção cultural.

As condições de produção, como performance, oralidade e circulação em *saraus* e *slams*, ampliam os sentidos do poema, articulando palavra, corpo e território. Na perspectiva da Análise do Discurso, tais condições incidem diretamente na materialidade do dizer, determinando modos de formulação, circulação e reconhecimento dos enunciados. Gestos, ritmo, entonação e presença transformam-se em operadores do discurso, produzindo reconhecimento, resistência e visibilidade social. Esses elementos funcionam como materialidades significantes que afetam a produção de sentido, pois o corpo em performance constitui parte integrante da enunciação. O poema, portanto, fala desde a periferia, utilizando o corpo, a voz e a memória como instrumentos de produção de sentidos que desafiam o interdiscurso dominante, ou seja, o conjunto de dizeres históricos que tradicionalmente repetem imagens fixas sobre a periferia e seus jovens.

A repetição mnemônica (Freud, 1996) diz respeito a essa memória discursiva: os sentidos antigos se repetem quase automaticamente, criando expectativas e representações rígidas. É preciso compreender que a repetição opera como efeito da memória discursiva que mantém ativos determinados encadeamentos semânticos. Ao

mobilizar corpo, voz e memória, o poema desloca essa repetição, abrindo espaço para novos modos de significar a experiência social. Esse deslocamento ocorre por meio da contra-identificação (Pêcheux, 1997; Nascimento *et al.*, 2025), quando o sujeito assume os termos que o interpelam, mas altera sua posição na cadeia de sentidos. Trechos como “mais de resistência e representante do seu sonho” e “periferia é arte que respira” evidenciam que a palavra poética funciona como prática discursiva de resistência, ao transformar sentidos historicamente atribuídos aos corpos periféricos e reinscrever o jovem como autor ativo do próprio dizer, produzindo sua presença e potência no espaço social (Orlandi, 2008; Modesto, 2021; Pêcheux, 1997; Valadares, 1990). Aqui, resistência é gesto produzido no interior das formações discursivas, tensionando seus efeitos de evidência.

A poesia periférica juvenil, distinta da tradição acadêmica, constitui-se como prática performática voltada à escuta, à partilha e à ocupação do espaço público, transformando corpo, voz e território em operadores de sentido. O acontecimento discursivo se configura quando há ruptura na regularidade parafrástica e emergência de novos encadeamento. Permitindo que jovens periféricos reinscrevam a própria experiência e desafiem representações históricas de exclusão, risco e marginalidade (Orlandi, 2008; Pêcheux, 1997; Modesto, 2021). Ao articular memória, afetos e espaço social como totalidade contraditória, evidencia tensões estruturais e desloca marcas de estigmatização para signos de autoria e repertório cultural. Ou seja, totalidade, contradição e ruptura se articulam para produzir deslocamentos de sentido, na medida em que o sujeito se constitui na tensão entre memória herdada e gesto de reinscrição.

Os afetos, como desejo, indignação, orgulho, liberdade, coragem e pertencimento, atravessam corpo, voz e memória, estruturando a experiência do sujeito periférico e produzindo efeitos de sentido no espaço público. Esses afetos articulam-se ao desejo e à falta lacanianos, evidenciando a constituição do sujeito na tensão entre o que lhe falta, o que busca e o olhar do outro (Lacan, 1985; 1998). Ao mesmo tempo, a memória afetiva, inscrita nas experiências de desigualdade e resistência, dialoga com a noção freudiana de repetição e pulsão (Freud, 1996),

permitindo que a palavra poética reinscreva sentidos históricos e produza reconhecimento, potência e legitimidade para a juventude periférica.

A ruptura ocorre quando os jovens, por meio da poesia periférica, desafiam padrões discursivos históricos e reinscrevem sujeitos periféricos como autores ativos do próprio dizer. Essa ruptura altera as posições de sujeito e nos regimes de visibilidade que regulam quem pode falar e ser ouvido. Através de corpo, voz e memória, os poemas produzem efeitos de sentido que tensionam representações pré-estabelecidas sobre juventudes, periferia e legitimidade do dizer, criando lacunas discursivas que remetem ao real das desigualdades estruturais. Tais lacunas podem ser compreendidas, com Pêcheux (2008), como pontos em que a contradição histórica irrompe na cadeia significante, impedindo o fechamento completo dos sentidos.

Essas fissuras correspondem à desestabilização de evidências naturalizadas sobre periferia e juventude. A memória e o interdiscurso tornam-se instrumentos de continuidade e reinvenção, permitindo que dizeres e práticas coletivas atravessadas pela história retornem nos poemas e performances, conferindo profundidade e historicidade à situação juvenil nas periferias. O interdiscurso opera, assim, como condição constitutiva do dizer, fornecendo o campo de sentidos sobre o qual se produzem tanto repetição quanto deslocamento.

Os resultados indicam que a poesia periférica juvenil funciona como prática discursiva performativa, na qual a intersecção de classe, raça, gênero, geração e território atravessa a posição do sujeito discurso (Pêcheux, 1997; Orlandi, 2008; Modesto, 2021). O sujeito emerge como posição discursiva situada, revelando de onde fala e a que experiências se vincula. A corporalidade assume papel central nesse processo, articulando gesto, vocalidade e presença como modos de significação e resistência. O corpo e a voz se convertem em instrumentos de interpelação ideológica por meio da qual jovens periféricos podem reinscrever experiências historicamente marginalizadas (Valadares, 1990). Nesse sentido, o corpo e a voz se convertem em instrumentos de interpelação ideológica, por meio dos quais jovens periféricos podem reinscrever suas experiências, desafiar discursos hegemônicos e construir um espaço

de atuação política e cultural no espaço público (Orlandi, 2008; Modesto, 2021; Pêcheux, 1997).

Ao ocupar espaços públicos, o jovem fala a partir de sua posição histórica, social e territorial, deslocando categorias pré-estabelecidas e afirmando sua legitimidade na palavra. O espaço público atua como operador discursivo e simbólico, permitindo que o sujeito reinscreva relações de poder e participe da produção cultural de seu território. Nessa dinâmica, o discurso atua como mediador de resistência e visibilidade. Ao performar a palavra, o jovem inscreve sua experiência no espaço urbano, transformando territórios historicamente marginalizados em palcos de afirmação, sociabilidade e projetos emancipadores.

À GUIA DA CONCLUSÃO

A reflexão desenvolvida ao longo do artigo permitiu exemplificar como a poesia periférica juvenil constituem-se como materialidades discursivas privilegiadas para compreender os modos pelos quais jovens das periferias urbanas são interpelados ideologicamente e, simultaneamente, produzem deslocamentos nas formações discursivas. Esses jovens produzem modos singulares de elaboração simbólica da experiência social. A mobilização da Análise do Discurso materialista no contexto do *slam* revelou que os enunciados constituem efeitos de formações ideológicas historicamente determinadas, atravessadas pelas interseccionalidades de classe, raça, gênero e território que estruturam a sociedade brasileira e as experiências juvenis.

No interior das formações discursivas hegemônicas, o jovem da periferia é tradicionalmente produzido como sujeito da falta, carente de capital cultural, potencialmente perigoso e objeto de controle. Esse processo de interpelação ideológica opera por meio da naturalização da meritocracia, da criminalização da pobreza e da naturalização das desigualdades sociais, impondo uma situação juvenil marcada pela vulnerabilidade. Contudo, os poemas analisados revelam que essa dominação não se realiza sem falhas, e é precisamente nessas fissuras que emergem contra-identificações e deslocamentos de sentido.

A posição-sujeito construída nas materialidades analisadas subverte o lugar que a ideologia dominante reserva às juventudes periféricas. Ao afirmar-se como corpo que fala, que dança, que estuda, ocupa o espaço público e reivindica universidade, reconhecimento e salário, os sujeitos dos discursos poéticos reinscrevem-se na ordem discursiva como produtores de saberes, de culturas e de projetos. Trata-se de um movimento que não nega as condições materiais adversas como a precariedade dos serviços públicos, a violência institucional e simbólica, mas as reinscreve como parte de uma experiência histórica que funda uma ética de resistência e elaboração coletiva.

Nesse sentido, a análise evidenciou que os projetos juvenis são construções situadas em redes de sociabilidade periférica. A universidade, o ENEM, as cotas, os bailes, os *slams*, as batalhas de rima e os territórios da quebrada configuram-se como espaços de disputa material e ideológica. O único recurso do proletariado, o próprio corpo, assume a função de “ato político” reinscrevendo corpos negros, femininos, jovens e periféricos, como lugar de produção simbólica e de legitimidade estética. A política pública educacional surge, ao mesmo tempo, como mediação concreta de acesso e como objeto de tensão, pois amplia a perspectiva dos jovens ao passo que tem sua legitimidade atravessada pelo discurso que desqualifica o êxito do jovem negro e periférico.

Ao articular formação discursiva e formação ideológica, o artigo demonstrou que a poesia funciona como prática social que condensa contradições estruturais. Nela se materializam tanto os efeitos da dominação quanto as possibilidades de reconfiguração simbólica. A periferia deixa de ser significada exclusivamente como espaço de carência e passa a ser produzida como território de repertório, criatividade e elaboração política.

A poesia periférica juvenil configura-se como acontecimento discursivo ao expor as fissuras nos processos de interpelação que tendem a fixar a periferia e suas juventudes a lugares de carência, violência e subalternidade, reinscrevendo esses territórios como espaços de produção de saber, memória e criação estética. Desse modo, o tensionamento das desigualdades e o deslocamento dos sentidos

hegemônicos operam precisamente na falha da interpelação ideológica, onde o sujeito juvenil reinscreve sua posição no discurso.

O percurso analítico aqui empreendido permite sustentar que os jovens das periferias se constituem, simultaneamente, como efeitos da ideologia e como sujeitos capazes de produzir deslocamentos na ordem discursiva. Ao tornar visíveis os mecanismos de interpelação e suas falhas, o artigo buscou contribuir para a desnaturalização de representações hegemônicas sobre as juventudes periféricas, bem como afirmar sua centralidade como sujeitos históricos na luta por reconhecimento e redistribuição; por justiça epistêmica, ao disputar a legitimidade da produção de saber; e por justiça afetiva, ao inscrever memórias, vínculos e pertencimentos como dimensões políticas da experiência juvenil. Em síntese, a poesia periférica juvenil configura-se como prática de resistência e reinvenção do presente, bem como de ampliação dos horizontes futuros.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Mary Garcia. Alquimia de categorias sociais na produção dos sujeitos políticos: gênero, raça e geração entre líderes do Sindicato de Trabalhadores Domésticos em Salvador. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, p. 57–74, 1992. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15801/14294>. Acesso em: 02 dez. 2025.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Intersectionality**. Cambridge; Malden: Polity Press, 2016.
- D’ANDREA, Tiaraju Pablo. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 39, n. 1, p. 19–36, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/whJqBpqmD6Zx6BY54mMjqXQ/?format=pdf>. Acesso em: 18 dez. 2026.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUARTE, Mel. **Deslocamento – Poema Manifesto**. [Vídeo]. YouTube, canal Quebramundo, 2018. (3m54s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8z-gyDkQH6k>. Acesso em: 2 dez. 2025.
-

FORACCHI, Marialice Mencarini. **O estudante na transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965.

FREUD, Sigmund. **Recordar, repetir e elaborar** (1914). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12, p. 161-171. Trabalho original publicado em 1914.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organizado por Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2020.

JADEJISKI, Rainei Rodrigues; FOERSTE, Erineu. Juventudes rurais no Brasil: o que os estudos de revisão revelam? **Revista de Educação Popular**, v. 22, n. 2, p. 242–258, 2023. DOI: 10.14393/REP-2023-69134. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/69134>. Acesso em: 20 dez. 2025.

KOKA, Lucas. **Eu quero ver, meu bem, quando no ENEM eu tirar 100, eles falarem que foi cota...** [Vídeo]. YouTube, canal Manos e Minas, 2018. Vídeo (3m05s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BXHLYLkAXE8>. Acesso em: 2 dez. 2025.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 496–533. Trabalho original publicado em 1957.

LACAN, Jacques. **O seminário**. Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 10: a angústia. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MACHADO PAIS, José. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, v. 25, n. 105–106, p. 139–165, 1990. DOI: 10.31447/AS00032573.1990105.07. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/view/41595>. Acesso em: 2 jan. 2026.

MODESTO, Rogério. Os discursos racializados. **Revista da ABRALIN**, v. 20, n. 2, p. 1- 19, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i2.1851. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1851>. Acesso em: 17 nov. 2025.

NASCIMENTO, Lucas; KANTORSKI, Graziela; WEISHEIMER, Nilson. Michel Pêcheux: materialidade discursiva, interpelação do sujeito e luta de classes. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 20, n. 33, p. 1-32, jul./dez. 2025. DOI: 10.22456/2594-8962.151638. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaolettras/article/view/151638/98091>. Acesso em: 03 jan. 2026.

NEVES DO NASCIMENTO, N. A poesia é marginal, o poeta não! : A rua como espaço de formação e profissionalização da juventude periférica. **Políticas Culturais em**

Revista, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 161–182, 2024. DOI: 10.9771/pcr.v17i2.59493. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/59493>. Acesso em: 21 fev. 2026.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Do direito ao território e à mobilidade: análise das propostas enviadas à IV Conferência Nacional de Juventude. Geoinf. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia**. Maringá, v. 16, n. 1, p. 239–264, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/70880>. Acesso em: 18 fev. 2026.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Jovens olhares sobre a cidade: lugares e territórios urbanos de estudantes porto-alegrenses**. 2020. 210 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9109>. Acesso em: 2 jan. 2026.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. H.; TORRES, Raquel Amaro da Silveira. Jovens olhares sobre a escola e a educação: miradas desde as juventudes periféricas de Viamão/RS. **Redin - Revista Educacional Interdisciplinar**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 251–271, 2025. Disponível em: https://seer.faccat.br/index.php/redin/article/view/3744?utm_source. Acesso em: 8 jan. 2026

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 5. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. N/O limiar da cidade. **Rua**, Campinas, n. esp., p. 9–19, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista** - Discurso do confronto: velho e novo mundo. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Análise de discurso: uma ciência da linguagem. In: GRIGOLETTO, Evandra; CARNEIRO, Thiago César da Costa. (Orgs.). **Diálogos com Analistas de Discurso**: reflexões sobre a relevância do pensamento de Michel Pêcheux hoje. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: Françoise Gadet; Tony Hak (Orgs.). Tradução de Bethania S. Mariani. **Por uma análise automática do discurso** Uma Introdução à obra de Michel Pêcheux. p. 59-158. 5. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

SANTOS, Tatiane Pereira dos; MESSEDER, Marcos. A poesia salva: juventude(s), sarau da onça e a educação popular. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 507–532, 2025. DOI: 10.63595/de.v13i1.18905. Disponível em: https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/18905?utm_source=. Acesso em: 02 jan. 2026.

SIMMEL, George. **Questões fundamentais de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOUZA, Beatriz Santos de; MARANDOLA, Eduardo. Germinações poético-periféricas: 15 anos de slamno Brasil e sua relação com a literatura periférica. **RUA**, Campinas, SP, v. 31, n. 2, p. 307–325, 2026. DOI: [10.20396/rua.v31i2.8681765](https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8681765). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8681765>. Acesso em: 18 fev. 2026.

VALADARES, Loreta. A “controvérsia” feminismo x marxismo. **Revista Princípios**, n. 18, p. 44–49, jun./jul./ago. 1990. Disponível em: https://www.escolapcdob.org.br/file.php/1/materiais/pagina_inicial/Biblioteca/35_Apostila_Curso_Nivel_III_jul_2015.pdf. Acesso em: 8 jan. 2026.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais**: mapas de estudos recentes. Brasília: MDA, 2005.

HISTÓRICO

Submetido: 02 de Mar. de 2026.

Aprovado: 20 de Ago. de 2026.

Publicado: 27 de Ago. de 2026.

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT:

KANTORSKI, G. D.; WEISHEIMER, N. "A quebrada também tem repertório": Poesia periférica juvenil como acontecimento discursivo. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade - LES**, V. 30, N. 63, 2026.